

SPINOZA E O CONHECIMENTO: COMO A EDUCAÇÃO PODE SER TRANSFORMADORA E LIBERTADORA

Karine Vieira Miranda*
Karine_freelosophia@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem como propósito apresentar o conhecimento para Benedictus de Spinoza, expondo a capacidade do conhecimento de ser transformador e libertador através da educação. Tem-se por base principal as obras *Tratado Teológico-Político* e *Ética*, mas outras de suas obras são mencionadas, com o intuito de fortalecer a relação entre a filosofia de Spinoza e a educação. Spinoza não pareceu preocupado em se debruçar sobre a relação entre filosofia e educação, mas contribui para o desenvolvimento da educação quando atribui grande importância ao saber, ao conhecimento, sendo este o único meio, segundo ele, que permite ao homem alcançar sua liberdade.

Palavras-chave: Spinoza, Educação, Conhecimento, Razão, Liberdade.

Spinoza and the knowledge: how the education may be transforming and liberating

Abstract: This paper has aim to submit "the knowledge" to Benedictus de Spinoza, expounding the attainment of knowledge as being transformer and liberator through education. Having being this as the leading base the *Tractatus Theologico-Politicus* and the *Ethica*, his other works are also mentioned as related aiming to support the relationship between Spinoza's philosophy and education. Spinoza's don't seemed worried in to lean over about the relationship between philosophy and education, but contributes for the development of education when assign the great importance to the know, to the knowledge, being this the only way, that allows the man's attain for yours freedom.

Keywords: Spinoza, Education, Thought, Reason, Freedom.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como propósito apresentar o conhecimento e seu caráter libertador no pensamento do filósofo holandês Benedictus de Spinoza¹. Esse trabalho toma por foco a teoria do conhecimento de Spinoza, voltada para a educação, já que há ainda pouca literatura sobre o assunto.

Ao observar os títulos das obras escritas por Spinoza, haverá dificuldade de, a primeira vista, se fazer qualquer relação das mesmas com a educação. Após a leitura delas, aí sim, o leitor se depara com diversas palavras que estão intimamente relacionadas com a educação, como por exemplo: razão, doutrina, ensinar, instruir, erudir, dentre outras.

Provavelmente o primeiro estudo sobre a relação do pensamento de Spinoza e a educação tenha sido realizado por William Rabenort, tendo sido publicado em 1911, em sua obra *Spinoza as Educator*.

Para troca de correspondências com Spinoza, se fazia necessário que remetente e destinatário tivessem por base princípios comuns, já que, de maneira diferente disso, torna-se inviável uma instrução mútua, instrução essa que se relaciona intimamente com a educação. A relação de Spinoza com educação, mesmo que ele não a coloque explicitamente como tema central, é inegável.

Não se pode chegar à compreensão da dimensão da importância de Spinoza para a educação sem antes mencionar, mesmo que de forma imensamente sintetizada na primeira parte deste artigo, um pouco de sua trajetória, mesmo assim sendo incapaz de fazer sentir toda a repressão e todas as medidas punitivas que sempre rodearam a família Spinoza por conta da intolerância religiosa, tendo eles que afastar-se da cidade castelhana de origem de sua família, Espinosa de los Monteiros, em virtude das perseguições aos judeus.

Spinoza defendia que o homem tivesse liberdade de pensar, e ele mesmo, não querendo comprometer a sua liberdade, recusou-se a ser professor na Universidade de Heidelberg, o que denota seu pensamento sobre um direito primordial do indivíduo: a liberdade de filosofar. No mínimo, se pode concluir a partir dessa recusa que, para Spinoza, um professor não deve estar

¹ Para o nome do filósofo será utilizado no decorrer desse artigo a grafia *Spinoza*, em virtude de o autor, após ter sido excomungado pela Comunidade Judaica de Amsterdã, passar a assinar seu nome em latim, Benedictus de Spinoza, sendo explícita a sua preferência, tendo escrito suas obras em latim. As referências das obras que foram publicadas com a grafia *Espinosa* manterão a grafia apresentada em sua publicação.

condicionado a ensinar aquilo que lhe é proposto pelas instituições educacionais, pela religião dominante ou pelo Estado. Um professor, bem como qualquer indivíduo, deve guiar-se pela razão e ter garantido seu direito à liberdade de pensamento.

Será também exposta a distinção entre o método de Descartes e de Spinoza. Este breve artigo irá percorrer, algumas das obras de Spinoza, apresentando as nuances que representam a confirmação de que Spinoza, mesmo não colocando a educação como tema central, deu a ela lugar de destaque a ser avistado pelo bom observador que a elas percorra.

Haverá nas páginas que se seguem uma exposição mais pormenorizada da relação entre o pensamento de Spinoza e a educação, pontuando então detalhes da *Ética*², obra que levou quatorze anos para ser escrita, e de outras obras, como os *Princípios da Filosofia Cartesiana*, as *Cartas*, o *Tratado Político* e o *Tratado Teológico-Político*.

1. SPINOZA, SEU TEMPO E ALÉM

O filósofo Benedictus de Spinoza é de família judia e certamente tem seu pensamento influenciado por diversos fatores históricos, sociais, políticos e econômicos ligados a sua origem.

A família Spinoza é de origem espanhola. No final do século XV, diante da pressão para converterem-se ao cristianismo, sua família muda-se para Portugal, onde se tornam cristãos novos, permanecendo lá durante o século XVI. Seu pai sai de Portugal e ao ser atraído pela prosperidade holandesa e por sua tolerância religiosa, estabelece-se em Amsterdã, onde nasceu Benedictus, em 24 de novembro de 1632.

Spinoza falava espanhol e português em sua casa, mas também fazia uso oral frequente do holandês. Desde muito cedo se tornou bastante instruído e conhecedor de diversas línguas como latim, grego, francês e italiano.

² Para as citações das obras de Spinoza foram utilizadas as traduções das mesmas para o português, cujas referências constam na *Bibliografia* deste artigo. No corpo do texto, serão utilizadas siglas para as *Cartas* (Ep), para o *Tratado Político* (TP) e para a *Ética* (E) sendo, no caso das *Cartas*, seguidas do número da mesma em algarismos arábicos, no caso do *Tratado Político*, seguidas do número do capítulo em algarismos arábicos e no caso da *Ética*, seguida do número das partes, também em algarismos arábicos. Para o *Tratado Político* será acrescido o número arábico que se refere ao parágrafo, separado do número do capítulo por uma barra (/). Para as citações internas da *Ética*, as siglas das definições (Def), axiomas (Ax), proposições (P), demonstração da proposição (d), prefácios (Pref), corolários (C), escólios (S) e apêndices (Ap) serão acompanhadas dos seus números correspondentes.

Ainda garoto, acompanha todo o processo de excomunhão, humilhação e suicídio de Uriel da Costa, judeu formado em Direito e Filosofia em Portugal, tendo vindo para a Holanda na tentativa de poder praticar livremente o judaísmo. Tudo o que Uriel da Costa viveu na Holanda deu-se em virtude de suas críticas aos talmudistas ortodoxos, defensores da Lei Oral. Estes disputavam o poder com os racionalistas heterodoxos, defensores da interpretação da Lei Escrita.

Depois de testemunhar a punição de outros por fazer uso da liberdade de pensamento, chega a vez de o próprio Spinoza vivenciar isso, sendo ele excomungado da Comunidade Judaica de Amsterdã e tendo sofrido atentado a faca na saída do teatro, situação que acaba por provocar a sua saída de Amsterdã. Ele sentiu o peso da opressão em seu tempo. A sua excomunhão apresenta os seguintes dizeres:

[...] Ordenamos que ninguém mantenha com ele nenhuma comunicação oral ou escrita, que ninguém lhe preste favor algum, que ninguém permaneça com ele sob o mesmo teto ou a menos de quatro jardas, que ninguém leia algo escrito ou transcrito por ele³.

Spinoza passa a viver então como polidor de lentes, mas mantendo constante comunicação com seus amigos através de cartas, onde lhes eram enviadas dúvidas e questionamentos que claramente denotam o caráter pedagógico do pensamento de Spinoza. Ele não se recusa a partilhar daquilo que sabe e faz isso com um zelo extraordinário, comprovando a importância que o mesmo dá à erudição, ao conhecimento e a educação.

Spinoza vive até seus quarenta e quatro anos de idade com a saúde debilitada pela tuberculose, falecendo em Haia, em 1677, com o agravamento de sua doença, que provocou uma infecção pulmonar fatal, deixando como imensa contribuição filosófica diversas obras elaboradas com dedicação, coesão e originalidade, sendo todas fontes inesgotáveis de conhecimento e de descobertas, onde não está exposto explicitamente nenhum projeto pedagógico ou método de ensino, mas onde ele propicia ao leitor um caminho promotor da liberdade.

Mesmo após a sua morte Spinoza foi perseguido, de tal maneira que um teólogo na Alemanha do século XVIII, para a obtenção deste título, precisava se contrapor a Spinoza e a suas ideias.

³ Chauí, M. Introdução, p. 5.

Karl Marx, em sua juventude, foi leitor de Spinoza, tendo se utilizado dessas leituras para melhor compreender a teologia como teológico-política⁴. Marx deixou como legado imensa contribuição à educação, e não apenas a ela, mas também à filosofia, à economia, à política, dentre outras ciências.

No século XX, Spinoza e seu pensamento passam a ser cada vez mais estudados. Dentre os grandes estudiosos e intérpretes do pensamento de Spinoza temos Martial Gueroult, Gilles Deleuze, Alexandre Matheron. Na contemporaneidade, mesmo pesquisadores de outras áreas interessam-se pela filosofia de Spinoza debruçam-se sobre ela buscando “*elementos para pensar o mundo contemporâneo*”⁵.

2. O MÉTODO DE DESCARTES E SPINOZA

Sobre o cartesianismo, pode-se dizer que, historicamente, ele dá origem a duas importantes correntes filosóficas: racionalismo e empirismo. Spinoza estaria enquadrado na primeira, juntamente com Malebranche e Leibniz⁶, sendo que Spinoza não privilegia a mente, em detrimento do corpo, mas trata-os em patamar de igualdade.

Descartes, afirma, em sua obra *Discurso sobre o Método*, que todo homem possui a capacidade de raciocinar, mas nem todos fazem uso dessa capacidade da forma correta. Ele busca traçar um método seguro para que haja um uso apropriado dessa capacidade.

Spinoza e Descartes comungavam da mesma opinião no que se refere à ordem geométrica, constatando ser essa a mais conveniente para a pesquisa e para o ensino da verdade, divergindo no modo como utilizam essa ordem, onde o primeiro defende ser mais adequado o modo sintético e o segundo o modo analítico. Na produção de sua mais importante obra, *Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras*, Spinoza usa o método sintético, que é a construção do complexo a partir do simples. Começa de Deus para chegar ao homem. Spinoza segue o modelo de um tratado de geometria, partindo das definições e axiomas, para somente depois expor as proposições que são seguidas pelas demonstrações, e estas seguidas pelos corolários e escólios.

⁴ Rocha, M. Prefácio, p. 11.

⁵ Rocha, M. Prefácio, p. 13.

⁶ Rezende, A. *Curso de Filosofia*: para professores e alunos dos cursos de 2º grau e de graduação, p. 112.

Já Descartes utiliza-se do método analítico. Em sua obra mais relevante, *As Meditações Metafísicas*, Descartes parte da dúvida para chegar a certeza de que pensa, de que Deus existe, dentre outras questões. Ele parte do conhecer o efeito para chegar ao conhecer da sua causa. A escolha do método analítico por Descartes para a elaboração de *As Meditações Metafísicas* tem em si um caráter educativo, sendo este método, segundo o próprio filósofo ao justificar a utilização deste para a elaboração dos *Princípios da Filosofia* em carta enviada a Mersenne em 1640, o método mais apropriado para o ensino.

No *Tratado da Reforma do Intelecto* Spinoza fala do método a ser seguido para se alcançar a perfeição. Separam-se as ideias verdadeiras das falsas e faz-se o uso apenas das verdadeiras, afastando-se das falsas. Ele separa a imaginação da razão. Nesta obra vê-se que conhecer, para Spinoza, é conhecer pela causa. Conhecer pela causa significa descobrir o modo pelo qual algo é produzido, trata-se, portanto, de um processo genético.

3. ALGUMAS OBRAS E SEUS RESPECTIVOS COMPROMISSOS COM O CONHECIMENTO

3.1. PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA CARTESIANA

A pedido de amigos, que observaram em Spinoza um grande estudioso e expositor da filosofia de Descartes, Spinoza redige a obra *Princípios da Filosofia Cartesiana*, tendo sido inicialmente o conteúdo de um curso que ele ministrou a um jovem discípulo. Esta obra foi publicada em 1662.

3.2. CARTAS QUE FORMAM E INFORMAM

Spinoza mantinha correspondência com alguns homens interessados naquilo que ele escrevia, e através destas missivas eram externadas dúvidas, esclarecimentos e discussões intelectualmente enriquecedoras, tanto para o remetente quanto para o destinatário. Esta troca de informações através de cartas era bastante comum no século XVII.

Embora Spinoza não tenha demonstrado ser o seu foco principal a educação, na carta nº 21, que ele escreve a Wilhelm Blyenbergh, em 1665, ele inicia já informando que as opiniões deles são contrárias e que a troca de cartas entre eles não servirá para que se

instruam. (Ep 21). Desta maneira, conclui-se que as cartas tem um papel educativo, o de instruir aqueles que dela fazem uso, estando estes firmados em fundamentos comuns.

3.3. O TRATADO POLÍTICO E A CRÍTICA À EDUCAÇÃO RELIGIOSA

No *Tratado Político*, Spinoza faz sua crítica ao objetivo da Academia custeada pela República aristocrática, estando a Academia a entrar o conhecimento, onde deveria haver o seu cultivo⁷.

As universidades, fundadas à custa do Estado, são instituições, menos para cultivar o espírito, do que o entrar. Numa República livre, pelo contrário, a melhor maneira de desenvolver as ciências e as artes é dar a cada um licença para ensinar à sua custa e com o perigo da sua reputação [...]⁸.

O verbo que Spinoza utiliza no latim é *coercere*, que significa *entravar*. É esse mesmo verbo que é utilizado na *Ética* quando ele se refere ao efeito da paixão, de diminuir a potência. “*Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou entravada, e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções*”⁹.

A posição de Spinoza é bem clara se analisado todo o contexto histórico e as relações de suas obras. Percebe-se obviamente que para ele a academia era mantida com o intuito de enxertar em seus frequentadores a ciência adaptada aos ideais meramente religiosos, constituindo assim, não um homem livre, mas um seguidor da fé. Sua crítica não era com a educação em si, tendo ele no mesmo parágrafo defendido o cultivo das ciências e das artes, afirmando que isso seria posto de maneira adequada somente em uma República Livre, República esta que ele apresenta no último capítulo do *Tratado Teológico-Político*, afirmando que a República regida de maneira democrática é a que mais se aproxima do estado de natureza do homem.

Ainda no parágrafo supracitado ele aborda outra questão relevante, quando afirma que a República deve permitir a cada um que queira o direito de ensinar publicamente. Sabe-se

⁷ Oliveira, F. B. O Lugar da Educação na Filosofia de Espinosa, p. 96.

⁸ Cf. o original: “*Academiae, quae sumptibus Reipublicae fundantur, non tam ad ingenia colenda, quam ad eadem coercenda instituuntur. Sed in liberâ Republicâ tum scientiae, & artes optimè excoluntur, si unicuique veniam petenti concedatur publicè docere, idque suis sumptibus, suaeque famae periculo [...]*”. (TP8/49, SO3, p. 346).

⁹ Cf. o original: “*Per Affectum intelligo Corporis affectiones, quibus ipsius Corporis agendi potentia augetur, vel minuitur, juvatur, vel coërcetur, & simul harum affectionum ideas*”. (E3 Def3, SO2, p. 139).

muito bem o quanto a liberdade de expressão foi cerceada antes de Spinoza e em seu tempo, e quantos pensadores e intelectuais foram proibidos de expor suas ideias publicamente, sendo considerados como um risco para a paz e a segurança da sociedade.

4. A RELIGIÃO EDUCANDO PARA A OBEDIÊNCIA

Aqui serão expostas algumas considerações acerca do *Tratado Teológico-Político*, que foi publicado em um período de expansão do fanatismo religioso e político, o que fez com que Spinoza se resguardasse e o publicasse anonimamente. Com esta obra Spinoza desestrutura as bases do conhecimento revelado. Esta obra é constituída de vinte capítulos que, segundo Aurélio¹⁰, estão divididos em quatro partes: do capítulo primeiro ao terceiro ele trata do conhecimento; do capítulo quarto ao sexto é apresentada a reformulação da ontologia espinosista; do sétimo ao décimo quinto o filósofo trata do saber, entrando diretamente nas questões bíblicas, colocando limites no saber adquirido das Escrituras e os cinco últimos capítulos são dedicados à política. O filósofo não se propõe a ser inimigo da religião, apresenta-se apenas como defensor da liberdade, que muitas vezes é cerceada do indivíduo com a justificação da fé. Pela divisão da obra é possível observar o zelo que Spinoza tem pelo conhecimento, mais que necessário para que o homem seja livre, capaz de expor suas opiniões sem se deixar oprimir ou amedrontar por outrem. A forma como Spinoza sequencia a sua obra já é por si só didática, demonstrando o cuidado que o autor teve de tentar externar seu pensamento de forma sistemática e compreensível.

Spinoza inicia o *Tratado Teológico-Político* afirmando que o dever dos profetas é ensinar a verdadeira virtude e instruir os homens, e que essa instrução deve levar à liberdade de pensar, e essa liberdade de pensar é o que poderá proporcionar ao homem a verdadeira felicidade. Desde o princípio da obra já demonstra sua preocupação com a imaginação, assunto também abordado na *Ética*. Ele apresenta logo no capítulo inicial a profecia como distinta do conhecimento natural, embora ambas compartilhem a mesma origem, ou seja, a imaginação. A profecia, assim como o conhecimento natural, são percebidos pela imaginação e, enquanto tal, fazem parte do conjunto dos conhecimentos humanos.

¹⁰ Aurélio, D. P. Abertura: E Deus estava no mundo, p. XXIV.

Tudo o que foi revelado ao homem foi por palavras e figuras, onde era indispensável a utilização da imaginação por parte do profeta, pois, segundo Spinoza, o poder profético não estaria cercado de uma mente mais perfeita, mas sim de uma imaginação viva. Os profetas percebiam as revelações de Deus através da imaginação, com palavras ou imagens, reais ou imaginárias.

No capítulo segundo do *Tratado Teológico-Político* Spinoza afirma que o profeta é um homem de imaginação, não de demonstração. Utiliza-se da fé e nunca de uma certeza racional, já que a profecia é fundamentada e depende da imaginação. A certeza dos profetas é alcançada através de sinais, pois os profetas pedem o sinal não por falta de fé, mas para ter certeza de que era Deus quem fazia a promessa. Para se ter a certeza de coisas que são imaginadas é preciso deixar que a razão se sobressaia, não apenas sinais. As profecias seriam, para Spinoza, apenas efeitos imaginativos que mudarão de acordo com o ânimo de cada profeta.

O ousado holandês defende a laicidade do Estado e o direito de liberdade de pensamentos, ideias e ações. Spinoza afirma que o Estado deve ter como objetivo principal a segurança dos cidadãos, para agir e existir sem prejuízo próprio e dos outros cidadãos, exercendo em segurança as funções de seu corpo e sua mente, não agindo com violência e nem com intolerância com o outro.

Ele encerra o *Tratado Teológico-Político* defendendo a liberdade de expressão ou de ensinar, contanto que o indivíduo que se dispôr a essa tarefa a faça regido somente pela razão, sem o intuito de, por si só, alterar a funcionalidade do Estado. Caso este indivíduo perceba, no Estado, alguma lei que contrarie a razão, deverá não comportar-se como um rebelde, provocando ódio ou discórdia, mas sim comportar-se como um cidadão exemplar, levando sua reflexão para os magistrados, não colocando em perigo assim a paz do Estado, já que ao viver em sociedade o homem renuncia ao direito de agir por si mesmo, ou seja, regido por suas próprias leis.

Por isso, ninguém pode, de fato, atuar contra as determinações dos poderes soberanos sem lesar o direito destes, mas pode pensar, julgar e, por conseguinte, dizer absolutamente tudo, desde que se limite só a dizer ou a ensinar e defenda o seu parecer unicamente pela razão, sem fraudes, cólera, ódio ou intenção de introduzir por sua exclusiva iniciativa qualquer alteração no Estado¹¹.

¹¹ Cf. o original: “*adeoque salvo summarum potestatum jure nemo quidem contra earum decretum agere potest, at omnino sentire, & judicare, & consequenter etiam dicere, modo simpliciter tantum dicat vel doceat, & sola*”

5. A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO

O aprendizado daquilo que constitui o homem e que o afeta, guia o homem para a passagem da servidão para a liberdade. O aprender que instiga o uso da razão edifica e liberta, não devendo ser um transmissor de modelos, mas um fomentador da reflexão.

Na *Ética* Spinoza vai tratar da importância do conhecimento para o homem, do aprender sobre Deus, sobre si e sobre as coisas. Ela é dividida em cinco partes, onde na primeira ele descreve Deus ou a Natureza, na segunda ele fala da origem e da natureza da mente, que é a ideia do corpo, na terceira ele apresenta sua teoria dos afetos, na quarta ele trata da servidão humana e da relação dela com os afetos e, por fim, na quinta parte, discorre sobre a liberdade humana. Não iremos analisar aqui todas as partes da *Ética*, apenas será feita uma análise pontual de assuntos que tenham relevância maior para o melhor entendimento da educação como instrumento de libertação.

5.1. DEUS OU NATUREZA

O Deus imanente de Spinoza escandaliza a muitos, não apenas aos seus contemporâneos, mas também às gerações que o sucedem, tendo sido chamado de ateu, herege, dentre outras palavras que designassem um inimigo da fé.

A parte I da *Ética* tem como ponto de partida o próprio Deus, potência produtora e não criadora, posicionando-se como contrário à criação divina. Nela ele articula a definição de Substância, atributos e modos. É iniciada com oito definições: a *causa sui*, a coisa finita em seu gênero, a substância, o atributo, o modo, Deus, a coisa livre e por fim, a eternidade.

Define Deus da seguinte forma: “*Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita*”¹². Para Spinoza, Deus é um ente absolutamente infinito, substância primeira, cuja essência é eterna, infinita, livre (porque existe e age pela necessidade

ratione, non autem dolo, irâ, odio, nec animo aliquid in rempublicam ex autoritate sui decreti introducendi, defendat”. (TTP20, SO3241).

¹² Cf. o original: “*Per Deum intelligo ens absolutè infinitum, hoc est, substantiam constantem infinitis attributis, quorum unumquodque aeternam, & infinitam essentiam exprimit*”. (E1 Def6, SO2, p. 045)

de sua natureza) e produtora de si mesma e de todos os modos e atributos. Deus possui existência, é indivisível e substância única.

5.2. A MENTE E OS GÊNEROS DO CONHECIMENTO

Conhecimento para Spinoza é saber, é a maneira de conhecer. A mente é o próprio pensar. Na *Ética*, ele apresenta os três gêneros do conhecimento: opinião ou imaginação, razão e ciência intuitiva. Não se chega ao terceiro gênero, à ciência intuitiva, sem passar pelos dois primeiros. O primeiro é o conhecimento inadequado, que é parte da constituição do homem, de seu modo finito. A razão e a ciência intuitiva são conhecimentos verdadeiros.

Spinoza afirma que a própria essência do homem é o desejo de viver feliz (E4P21d). Há no homem o esforço pela sua preservação, que se dá tanto por meio da imaginação, com suas ideias inadequadas, quanto pela razão, com suas ideias adequadas. Para ele o homem não busca o conhecimento racional motivado pela curiosidade ou admiração, mas para ser feliz, para preservar seu próprio ser.

A *Ética* dá imenso valor ao conhecimento e o projeto dela, segundo Sévérac, é propor “*uma ética do conhecimento, que certamente se distingue de uma moral da obediência*”. Os homens precisam conhecer seus afetos como parte do caminho para alcançar dentre os três tipos de conhecimento, o mais alto deles: a ciência intuitiva¹³.

Todos os afetos derivam de três modos de conhecimento, segundo Spinoza afirma no Breve Tratado: a opinião, de onde se originam os afetos contrários à razão, como o ódio, a aversão, dentre outros; a crença correta, de onde nascem os afetos bons, como a nobreza e a humildade; conhecimento claro, de onde surge o amor de Deus, puro e verdadeiro (KV\BT2/2).

As ações da mente surgem das ideias adequadas, enquanto as paixões dependem das inadequadas. O conhecimento ao que é imediato ou local é inadequado. O entendimento verdadeiro ou adequado é o entendimento das causas, ou seja, quando a mente aprende suas causas ou de suas ideias. Spinoza também refere-se ao conhecimento inadequado como imaginação, já que através dela formam-se ideias confusas.

¹³ Sévérac, P. *Conhecimento e Afetividade em Spinoza*, p. 17.

Há o uso da imaginação quando as ideias inadequadas não incluem suas causas não imediatas. A partir do primeiro gênero do conhecimento não é possível distinguir o verdadeiro do falso.

A imaginação, fruto oscilante dos encontros passivos e das práticas sociais marcadas pela memória e pelo hábito, por ser desprovida de um pensar ativo que assimile suas próprias causas, configuraria, assim, o oposto da razão¹⁴.

Ela é a única causa de falsidade (E2P41), mas nem tudo nela é falsidade, o que denota que ela não tem que ser necessariamente uma fonte de erro. Imaginação e verdade não se excluem necessariamente e podem até mesmo ocorrer simultaneamente, apesar das limitações da imaginação.

5.3. AS AFECÇÕES PRIMÁRIAS E O *CONATUS*

As três afecções primárias ou primitivas reconhecidas por Spinoza na *Ética* são alegria (*conatus* aumentado), tristeza (*conatus* diminuído) e desejo (*conatus*), afirmando que a partir delas é que nascem todas as outras. Uma coisa qualquer pode causar, acidentalmente, a alegria, a tristeza ou o desejo.

Spinoza define tristeza no final da Parte III, Nas Definições dos Afetos, como “*a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor*”. (E3 Def.Af.3). A tristeza é o ato, é uma ação do homem diminuída, é a passagem, não o ser ou o estar em uma perfeição menor. Anteriormente, na mesma parte III, ele define tristeza como “*uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor*”. (E3 P11 S). Spinoza chama a afecção tristeza de dor ou melancolia. Durante toda a parte supracitada ele apresenta outras afecções como sendo tristeza: medo, desespero, remorso, humildade, arrependimento, pudor, dentre outras. O medo é algo de que ainda temos dúvida enquanto o desespero só se sente quando não há mais dúvida alguma. Spinoza, assim como Nietzsche, não aprovava a humildade, pois considerava que a mesma provinha da contemplação da própria fraqueza. A tristeza é uma afecção diretamente má e tudo aquilo que provém dela é consequentemente mau também. Deus está completamente isento de ser afetado por tristeza ou alegria e não pode passar a uma perfeição maior ou menor, pois é isento de paixões. O *conatus* do homem só pode ser afetado negativamente por causas externas.

¹⁴ Merçon, J. *Aprendizado Ético-Afetivo: uma leitura spinozana da educação*, p. 63.

Spinoza define afecção como relação de corpos, sendo através dela que a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída. É essencial que hajam dois corpos para que ocorra a afecção. O afeto é a variação da força de agir, a variação do *conatus*. A origem da tristeza é sempre de causa exterior, nunca vindo de dentro, já que o indivíduo esforça-se essencialmente para a preservação de seu ser. As afecções podem nos afetar de forma parcial ou total. Quando nos afetam parcialmente, são chamadas de hilariedade (aumento do *conatus*) e melancolia (diminuição do *conatus*). Quando nos afetam como totalidade, são prazer (aumento do *conatus*) e dor (diminuição do *conatus*).

Spinoza não pretende que o homem aniquile ou livre-se das paixões, porque elas são necessárias, mas nos sugere que, de posse do conhecimento sobre as leis da natureza humana, nos deixemos vencer sempre pelas paixões positivas, evitando, por exemplo, pensar no suicídio, que é resultado de causas externas, pois nenhuma coisa pode ser destruída por causa interior, mas por algo que está extrínseco a ela. Não há nada na essência do homem que possa provocar a sua destruição.

Para Spinoza, o cidadão exemplar seria aquele dominado pela razão e sobre isso afirma:

[...] facilmente veremos a diferença que há entre o homem que é conduzido só pela afecção, ou seja, pela opinião, e o homem que é conduzido pela razão. Um, com efeito, queira ou não queira, faz coisas das quais não compreende nada; outro, ao contrário, não age senão à sua maneira e só faz aquilo que sabe ser-lhe primordial na vida. Chamo, por isso ao primeiro, servo, e ao segundo, homem livre¹⁵.

5.4. O CONHECIMENTO É O CAMINHO QUE LEVA O HOMEM À LIBERDADE

Spinoza defende o papel do homem enquanto educador, quando afirma que o homem que se conduz pela razão conserva o seu ser e usufrui de uma vida racional. A melhor maneira de um homem mostrar o valor do seu engenho e de sua arte é, segundo ele, educando aos demais para viverem conduzidos pela razão. (E4 Ap9).

¹⁵ Cf. o original: “[...] *facile videbimus, quid homo, qui solo affectu, seu opinione, homini, qui ratione ducitur, intersit. Ille enim, velit nolit, ea, quae maximè ignorat, agit; hic autem nemini, nisi sibi, morem gerit, & ea tantùm agit, quae in vitâ prima esse novit, quaeque propterea maximè cupit, & ideò illum servum, hunc autem liberum voco, de cujus ingenio, & vivendi ratione pauca adhuc notare libet*”. (E4 P66 S, SO2, p. 260)

Para Spinoza, o homem não nasce livre, não sendo possível que essa conquista se dê repentinamente. Ele atinge a liberdade gradualmente. Livre para ele, somente Deus. Liberdade é o agir e não sofrer ação.

Spinoza define liberdade em algumas de suas obras, como nas *Cartas*, onde na 58 ele fala sobre o sentido correto da definição de liberdade. Mas é na *Ética* que ele faz a conceituação principal, na parte I, definição 7.

Diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir. E diz-se necessária, ou melhor, coagida, aquela coisa que é determinada por outra a existir e a operar de maneira definida e determinada¹⁶.

Na parte V da *Ética* Spinoza fala do caminho que leva o homem à liberdade. Por defender tanto a liberdade, que representa uma ameaça para o poderio dominador religioso, Spinoza foi considerado herege. Humberto Mariotti diz:

A ‘heresia’ espinosana consistiu em afirmar que os humanos podem, por meio da razão, conhecer a realidade em seu todo. Com isso, podem alcançar a liberdade e construir um mundo melhor, livre de deuses autoritários e legiferantes¹⁷.

A *Ética*, produzida durante quatorze anos, apresenta uma possibilidade de conversão da servidão à liberdade, através do aprendizado do que constitui o ser humano e do que os afeta. Spinoza encerra esta obra falando da dificuldade de se trilhar o caminho da liberdade, caminho árduo e raro de ser encontrado, mas um caminho que não deve ser negligenciado. Ressalta a importância para o homem de conhecer a si mesmo, a Deus e as coisas.

[...] Consciente de si mesmo, de Deus e das coisas, em virtude de uma certa necessidade eterna, nunca deixa de ser, mas desfruta, sempre, da verdadeira satisfação do ânimo. Se o caminho, conforme já demonstrei, que conduz a isso parece muito árduo, ele pode, entretanto, ser encontrado. E deve ser certamente árduo aquilo que tão raramente se encontra. Pois se a salvação estivesse à disposição e pudesse ser encontrada sem maior esforço, como explicar que ela seja negligenciada por quase todos? Mas tudo o que é precioso é tão difícil como raro. (E5 P42 S)¹⁸. Considerações finais

¹⁶ Cf. o original: “*Ea res libera dicitur, quae solâ suae naturae necessitate existit, & à solâ ad agendum determinatur: Necessaria autem, vel potiùs coacta, quae ab alio determinatur ad existendum, & operandum certa, ac determinatâ ratione*”. (E1 Def7, SO2, p. 046)

¹⁷ Mariotti, H. O Conhecimento do conhecimento.

¹⁸ Cf. o original: “*sed sui, & Dei, & rerum aeternâ quâdam necessitate conscius, nunquam esse desinit; sed semper verâ animi acquiescentiâ potitur. Si jam via, quam ad haec ducere ostendî, per ardua videatur, inveniri tamen potest. Et sanè arduum debet esse, quod adeò rarò reperitur. Quî enim posset fieri, si salus in promptu*”

Para Spinoza, a virtude da mente é conhecer a Deus, e esse conhecer só é possível quando o homem é guiado pela razão, o que não o livra de ser afetado pelas paixões, já que enquanto ele é parte da natureza, ele é afetado. De posse da educação, do conhecimento, o homem livra-se sim, do medo, e alcança a liberdade.

O ignorante rejeita aquilo que ele desconhece, não porque é algo ruim, mas porque ele se acomoda em seu desconhecimento, com suas ideias inadequadas, parecendo-lhe mais fácil julgar como ruim aquilo que desconhece. A valorização da educação, do conhecimento e da razão, levam o homem ao distanciamento da ignorância e a aproximação da liberdade, tendo a potência da razão poder em relação aos afetos. Aquele que detém o conhecimento é mais potente do que aquele que não o tem.

Spinoza era defensor de uma República livre, onde os cidadãos não são subjugados, entregando seus direitos a outrem em virtude do medo, mas que estes tenham liberdade de pensar, podendo viver felizes e em segurança. Enquanto a religião propaga uma verdade manipulada pelos líderes e sacerdotes, a filosofia, para Spinoza, leva o homem a ser guiado pela razão e pelo conhecimento de Deus.

O homem, por ser movido sempre por uma finalidade, acredita que a Natureza também o é. Segundo Spinoza o homem está equivocado, e se estivesse de posse do conhecimento adequado, saberia que Deus age por sua infinita potência, e não pela liberdade de sua vontade, não por uma finalidade. A educação não estabelece uma finalidade para o homem ou é ela mesma uma finalidade, mas é determinante para um viver feliz, já que de posse dela o homem conhece melhor a si, a Deus e as coisas.

Não há aqui de maneira alguma, uma tentativa de estabelecer uma teoria da educação em Spinoza e há a ciência de que trata-se apenas de uma análise parcial da questão da educação no pensamento deste filósofo, existindo muito mais sobre a educação na filosofia de Spinoza a ser pesquisado e compreendido. Há sim a tentativa de reinterpretar e de dar novo sentido às palavras de um pensador tão intenso e tão indignado com o medo e a superstição, que costumeiramente levam o homem ao aprisionamento e a servidão, em detrimento do saber que o leva ao conhecimento de Deus e das coisas, e conseqüentemente, à liberdade.

esset, & sine magno labore reperiri posset, ut ab omnibus ferè negligetur? Sed omnia praeclara tam difficilia, quàm rara sunt". (E5 P42 S, SO2, p. 308).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURÉLIO, Diogo Pires. Abertura: E Deus estava no mundo. In: SPINOZA, Benedictus. *Tratado Teológico-Político*. [Tradução Diogo Pires Aurélio]. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. XI-XXVI.

CHAUÍ, Marilena. Introdução. In: *ESPINOSA*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 5-20. (Coleção Os Pensadores).

MARIOTTI, Humberto. *O Conhecimento do conhecimento*. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.geocities.com/pluriversu/spinosa.html>> Acesso em 01 mar. 2012.

MERÇON, Juliana. *Aprendizado Ético-Afetivo: uma leitura spinozana da educação*. Campinas: Alínea, 2009, 167 p.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia de. *O Lugar da Educação na Filosofia de Espinosa*. Orientador Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo. Campinas, 2008. Disponível em: « <http://pt.scribd.com/doc/34880033/O-Lugar-de-Espinosa-na-Educacao-Oliveira-FernandoBonadiade> » Acesso em: 25 jul. 2012.

REZENDE, Antonio. *Curso de Filosofia: para professores e alunos dos cursos de 2º grau e de graduação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

ROCHA, Mauricio. Prefácio. In: MERÇON, Juliana. *Aprendizado Ético-Afetivo: uma leitura spinozana da educação*. Campinas: Alínea, 2009, p. 9-18.

SÉVÉRAC, Pascal. Conhecimento e Afetividade em Spinoza. In: *O Mais Potente dos Afetos: Spinoza & Nietzsche*. André Martins (org.). São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 17-36.

SPINOZA, Benedictus. *Ética*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, 424 p.

_____. *Espinosa Opera*. Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl GEBHARDT. Heidelberg, Carl Winter, 1925; Ristampa 1972. Milano: Edição Eletrônica a cura di Roberto BOMBACIGNO e Monica NATALI, 1998. 1 CD-Rom.

_____. *Pensamentos Metafísicos; Tratado da Correção do Intelecto; Ética demonstrada à maneira dos geômetras*. Tradução e notas da Parte I de Joaquim de Carvalho, tradução das Partes II e III de Joaquim Ferreira Gomes, tradução das Partes IV e V de Antônio Simões; *Tratado Político*. Tradução Manuel de Castro; *Correspondência*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, 560 p. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Tratado Teológico-Político*. Tradução Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 375 p.